

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivli*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

DOIS SÍTIOS, UM PONTO DE SITUAÇÃO. PRIMEIROS RESULTADOS DOS TRABALHOS NOS CASTROS DE UL E RECAREI EM 2022

João Tiago Tavares¹, Adriaan de Man²

RESUMO

Este artigo pretende apresentar os resultados preliminares dos trabalhos realizados nos Castros de Ul e Recarei, Oliveira de Azeméis, em 2022.

No Castro de Ul, o espólio recolhido foi pouco numeroso, e surgiu em camadas que cobriam um conjunto de estruturas, relacionadas com a proteção do povoado, que foram exumadas durante a escavação. Estas parecem estar, sobretudo, relacionadas com a última fase de ocupação do povoado, nos séculos III e IV d.C.

No Castro de Recarei o espólio recolhido foi bastante numeroso, e parece sugerir dois momentos de ocupação, correspondentes ao Bronze Final e Idade do Ferro. A ausência de construções em pedra sugere a utilização de estruturas perecíveis, cujos negativos identificados em escavação serão o testemunho que subsistiu da sua ocupação.

Palavras-chave: Resultados; Preliminar; Povoados; Ul; Recarei.

ABSTRACT

This article intends to present the preliminary results of the works carried out in Castro de Ul and Recarei, Oliveira de Azeméis, in 2022.

In Castro de Ul, the collection was few in number, and appeared in layers that covered a set of structures, related to the protection of the settlement, that were exhumed during the excavation. These seem to be, above all, related to the last phase of occupation of the settlement, in the 3rd and 4th centuries AD.

In Castro de Recarei, the collection was quite numerous, and seems to suggest two periods of occupation, corresponding to the Late Bronze and Iron Age. The absence of stone constructions suggests the use of perishable structures, whose negatives identified in the excavation will be the surviving testimony of the settlement's occupation.

Keywords: Results; Preliminary; Settlement's; Ul; Recarei.

Situado a sul do Douro, o território do concelho de Oliveira de Azeméis situa-se no limite do horizonte cultural conhecido como cultura castreja. Essa localização, afasta geograficamente estes povoados daqueles que reconhecemos como exemplos clássicos do mundo castrejo, mas permite, porventura, identificar variáveis resultantes da sua implantação numa zona de transição.

Figura 1

No início do século XX, o monte do crasto em Ul, era

conhecido pelos habitantes da aldeia por ser um local onde ainda eram visíveis fragmentos de cerâmicas e os alicerces de muros de construções antigas, possivelmente reaproveitados para a construção de novas habitações (Carqueja 1909 pp. 347-354).

Não surpreende que ao longo do século XX, diversos autores (Almeida 1956) (Alarcão 1974) (Silva 1993) (Silva 1995) (Silva 2007) (Mantas & Alvarez Martínez 2012) tenham, sobretudo em estudos de âmbito regional ou nacional, feito referência ao sítio arqueológico e à sua importância no contexto da

1. Gabinete de Arqueologia e Museologia, Município de Oliveira de Azeméis / joao.tavares@cm-oaz.pt

2. Department of Tourism and Heritage, United Arab Emirates University / adriaandeman@uaeu.ac.ae

ocupação do território em época romana e no período que a antecedeu.

Este interesse pelo sítio não foi acompanhado, até à década de 1980, pela realização de trabalhos arqueológicos, nomeadamente de escavação, com uma metodologia científica. Há relatos pontuais de recolhas de materiais, nomeadamente pelos párocos de Santa Maria de Ul, mas sem que tenha existido uma preocupação em registar aquilo que foi feito.

Quando parecia que o sítio estava, finalmente, a ser estudado de forma sistemática, em meados dos anos oitenta, os trabalhos pararam. Não tendo sido publicada a monografia sobre o sítio, que era esperada, foram os resultados apresentados de uma forma sumária em artigo científico (Marques 1989).

Relativamente ao Castro de Recarei, o panorama bibliográfico é um pouco distinto. Ainda que referenciado por alguns autores em publicações locais ou no contexto de estudos regionais (Arêde 1945) (Leite 1958) (Silva 1993) (Silva 1995), não possuímos registos da realização de trabalhos arqueológicos (escavações) no seu perímetro.

O projeto POVOAZ pretendia obter uma primeira leitura sobre um conjunto de povoados que não tinham tido trabalhos arqueológicos, ou dos quais não se conheciam os resultados de forma detalhada, tomando como eixo central do projeto o Castro de Ul. Desse projeto resultaram várias publicações, nomeadamente a que apresentámos ao anterior congresso da AAP (Tavares & De Man 2020).

Figura 2

Terminado em 2018, e pretendendo-se manter a continuidade da investigação, foi apresentado um novo projeto de investigação que mantinha as premissas do projeto inicial, o POVOAZ_2.

Um conjunto de fatores inviabilizou a continuidade dos trabalhos durante três anos, pelo que só foi possível retomar as escavações em 2022.

Com este artigo pretende-se dar a conhecer, ainda que de forma sumária, os resultados das intervenções realizadas nos Castros de Ul e Recarei.

Na intervenção realizada no Castro de Ul em 2018, tinha sido possível identificar um conjunto de estruturas que deixavam algumas interrogações quanto à sua possível funcionalidade. Se empiricamente poderíamos admitir que estavam relacionadas com a delimitação do povoado e cronologicamente podíamos admitir a existência de dois momentos distintos, o mais recente enquadrável nos séculos III/IV,

a dimensão da área escavada não nos permitia uma segurança absoluta nessa interpretação, sobretudo no que à funcionalidade das estruturas dizia respeito (Tavares & De Man 2020).

Figura 3

O que tínhamos como seguro era a existência de uma muralha, cuja face externa era visível, não só na área escavada, mas também em alguns pontos do talude situados a norte e sul da mesma. Associado ao troço de muralha escavado estava a identificação de uma porta, possível pela presença de uma pedra de soleira com o negativo do gonzo, uma outra na parede oposta com um negativo apropriado para o encaixe de uma tranca e uma terceira, na mesma parede, saliente em relação às demais e alinhada com a soleira que poderia servir de batente impedindo que a porta se abrisse para o exterior (Tavares & De Man 2020). Para as restantes estruturas tínhamos duas hipóteses de interpretação que pretendíamos esclarecer com a intervenção realizada em 2022. Uma primeira, seria a de estarmos perante compartimentos que tinham aproveitado a estrutura da muralha para, num momento posterior, serem edificados com uma finalidade que desconhecíamos. A outra possibilidade relacionava-se com a funcionalidade da estrutura de delimitação que parece estender-se ao longo de toda a plataforma correspondente à corredoura.

Aquilo que tínhamos como certo, em função dos trabalhos realizados, era estarmos perante dois momentos construtivos, aparentemente, com alguma distância temporal entre eles. Cronologicamente, pelos materiais recolhidos na base dessas estruturas que encostavam à muralha, parecia-nos razoável admitir que estas corresponderiam a uma construção relativamente tardia, dos séculos III/IV d.C. Quanto à muralha, e à porta, não tínhamos elementos que permitissem fazer a sua datação nem perceber se eram contemporâneos, ou se esta tinha sido aberta após a construção da primeira.

Para os trabalhos efetuados em 2022 tínhamos como meta clarificar estas questões.

Para o conseguir optámos por alargar a área escavada para norte e sul procurando, deste modo, ter uma leitura mais ampla da muralha e das estruturas que lhe estavam associadas.

Esta decisão permitiu obter dados que vão ao encontro de uma das hipóteses de trabalho e simultaneamente, abrem espaço para novas interrogações.

Se não conseguimos, ainda, atribuir um enquadra-

mento cronológico à muralha e esclarecer a forma como se articula com a porta, nomeadamente se esta é posterior ou coeva à construção da muralha, porque os trabalhos de escavação não foram direcionados para procurar obter dados que permitissem essa resposta, temos uma maior clareza quanto às estruturas que encostam à muralha.

O alargamento da área escavada em direção a norte revelou-se decisivo para esse propósito, visto que nos permitiu perceber a continuidade da muralha que mantém as mesmas dimensões e uma orientação que acompanha o talude. Se este dado era expectável, visto que os trabalhos de Maia Marques (Marques 1989) haviam deixado à vista uma parte da mesma e, como referimos, havia pontos dispersos onde a sua face externa era observável no talude, o prolongamento, com uma orientação paralela, da estrutura – UE[03] – que lhe encostava não seria tão evidente.

É certo que em corte havia indícios de um prolongamento dessa estrutura. Porém, se a mesma correspondesse a um compartimento construído aproveitando a muralha teríamos uma parede a definir o seu limite norte.

A definição do topo das estruturas permitiu perceber que estas se prolongavam até ao limite da área escavada. Não se identificou, deste modo, nenhuma parede que delimitasse, a estrutura encostada à muralha – UE[03]. Assim, e tendo em conta a extensão do troço já escavado, parece-nos seguro avançar com a interpretação de que esta estrutura corresponderá a um alargamento da muralha.

Considerando os dados estratigráficos que já tínhamos disponíveis (Tavares & De Man 2020) que indicavam uma cronologia de construção enquadrável nos séculos III/IV d.C. para esta estrutura e sugerindo que era mais recente que a muralha, parece-nos não ser esta uma interpretação desprovida de fundamento. Este alargamento da muralha duplica sensivelmente a sua espessura, o que parece transformá-la de uma simples delimitação de um povoado, ou de uma plataforma de um povoado, numa estrutura cuja transposição seria necessariamente mais complexa e demorada. Este alargamento duplica, grosso modo, a espessura da muralha que passa de, aproximadamente, 2 metros de espessura para, sensivelmente, 4 metros de espessura.

A UE[05], que encosta à UE[03], e que pelos dados resultantes da estratigrafia do sítio parece corresponder à mesma fase construtiva pode agora ser, também ela, interpretada como uma estrutura de reforço

deste alargamento da muralha, funcionando como um contraforte da mesma. Admitimos ainda a possibilidade de a sua implantação estar relacionada com a porta, funcionando como um elemento de estrangulamento da passagem para o interior da plataforma, algo que, nesta fase, ainda não é possível afirmar. Referimos que este alargamento suscitou novas questões. Uma delas passa pela eventual necessidade de reinterpretação dos dados resultantes dos trabalhos de Maia Marques na década de oitenta. Na sondagem que designa como Setor B (Marques 1989), Maia Marques assinala na planta publicada, a existência da face interna da muralha e de um muro cujo limite interior se encontra sensivelmente à mesma distância da muralha que a nossa UE[03]. Poderá este muro corresponder, também ele, a este alargamento da muralha? Neste momento não conseguimos ter uma resposta clara a esta hipótese. Se o autor dos trabalhos, não lhe atribuiu uma funcionalidade específica, ficando-se pela designação de “muro de delimitação (?)”, acrescentando, contudo, que a construção era descuidada e a espessura irregular, predominando pedras de dimensão média (Marques 1989), o que parece favorecer a hipótese de ser uma continuação da nossa UE[03], não é feita qualquer referência à existência de um “derrube” de pedras no espaço entre este muro e a muralha, deixando um grau de incerteza elevado, quanto a essa possibilidade. Acresce, ainda, que a muralha nessa zona é descrita como tendo uma espessura aproximada de 4 metros (Marques 1989), o que corresponde à espessura da muralha e alargamento na área por nós escavada. Poder-se-á argumentar que esta espessura de 4 metros corresponde à integração na muralha de algumas zonas onde o afloramento granítico estava quase à vista, mas esse é um argumento resultante de uma observação empírica e não de uma análise rigorosa e detalhada desse troço da muralha.

Figura 4

Será, muito naturalmente, um dos aspetos a esclarecer com a ampliação para norte da área escavada, fazendo com que o Setor B das campanhas de Maia Marques venha a ser integrado na nossa malha quadrículada, correspondendo às quadrículas A e B 1 e 2. O alargamento da área escavada para sul, não foi tão esclarecedor. Se o topo da muralha pode ser identificado com relativa facilidade, a delimitação da sua face interna ainda não é totalmente evidente. De igual forma, o alargamento da muralha, não

é, ainda, suficientemente claro para que o possamos representar, sem margens para dúvidas, nos planos. Consequentemente, ainda que estejamos convictos de que também nesta área a muralha foi alvo de um alargamento, com base na simetria das paredes da mesma junto à porta, não o conseguimos evidenciar na documentação gráfica (De Man & Tavares 2023).

Figura 5

Futuros trabalhos irão possibilitar um alargamento da área para este e para sul, o que possibilitará uma visão mais alargada das estruturas e uma melhor compreensão da sua articulação.

Os materiais recolhidos nesta intervenção, encontrando-se sobre as estruturas e apresentando-se bastante fragmentados, não nos permitem tecer grandes considerações, salvo para assinalar o número reduzido de fragmentos recolhidos, que tem sido constante ao longo das intervenções que dirigimos no sítio. Mantemos a expectativa de que em futuras campanhas possamos recolher uma maior quantidade de materiais e em contextos que nos possibilitem uma melhor interpretação das ocupações correspondentes ao sítio arqueológico (De Man & Tavares 2023).

Figura 6

No Castro de Recarei a situação inverte-se. A quantidade de materiais recolhida é tão elevada que, à data da redação deste artigo ainda não conseguimos ter a totalidade dos fragmentos marcados, o que nos impede de ter uma noção concreta do espólio resultante dos trabalhos.

Em função disso, seremos forçosamente breves na descrição dos resultados obtidos com esta intervenção. A intervenção realizada em 2018, tinha possibilitado a identificação de um conjunto de estruturas negativas, que associámos a buracos para a colocação de postes em madeira. O seu interior, encontrava-se preenchido com sedimentos e quase sem materiais arqueológicos. Além disso, em alguns, eram visíveis, no topo, aglomerados de pedras e argila que pareciam ter tombado sobre os buracos, algo que nos parecia comparável à técnica, a que ainda na atualidade se recorre, de utilizar um ou mais calços para estabilizar um poste na vertical.

A dispersão das estruturas negativas e a ausência de outros elementos que permitissem a atribuição de uma funcionalidade ao espaço escavado deixou-nos com um conjunto de dúvidas às quais não conseguíamos dar resposta. A juntar a isso, constrangi-

mentos de tempo, tinham impedido a escavação da totalidade da sondagem.

Com esta intervenção pretendia-se concluir a escavação da sondagem inicial e alargar a área com o propósito de verificar a existência de outras estruturas que ajudassem a atribuir uma funcionalidade ao conjunto de buracos de poste. A conclusão da escavação da sondagem inicial, permitir-nos-ia, perceber se o declive este do afloramento era natural, ou resultado da ação humana, estando associado a uma outra estrutura preexistente.

Optámos por começar por alargar a área da sondagem procurando, desse modo, identificar outras estruturas relacionadas com os buracos de poste.

Figura 7

Desse alargamento não resultou a identificação de estruturas positivas, mas antes um novo conjunto de buracos de poste. À semelhança, dos identificados em 2018, também estes, cortavam uma camada bastante compacta e avermelhada com uma pendente sul-norte. De igual modo, no interior dessas estruturas não se recolheram materiais. A diferença mais significativa face a 2018, foi a ausência dos aglomerados de pedra e argila no topo das mesmas.

A estratigrafia neste alargamento pareceu um pouco mais perturbada, em resultado da existência de raízes e possivelmente, consequência de movimentações de terra devido ao uso agrícola ou silvícola destes terrenos.

Ainda assim, apesar dessa perturbação, parecem distinguir-se dois momentos distintos de ocupação, com base nos materiais recolhidos. Uma fase mais recente corresponderá à Idade do Ferro, com as decorações estampilhadas que caracterizam este período. A fase mais antiga corresponderá ao Bronze Final, com fragmentos de fundos ônfalos e perfis carenados com as superfícies polidas.

Figura 8

Face a estes dados, e pese embora o seu cariz preliminar, parece-nos razoável admitir que a ocupação do sítio – e a quantidade de espólio recolhido deixa poucas dúvidas quanto à utilização daquele espaço por um período de tempo relativamente alargado – terá sido feita nesta plataforma com base na utilização de estruturas construídas com materiais perecíveis, ao invés de estruturas positivas, visto não se terem identificado zonas de concentração de derrubes de material de construção, ou valas de alicerces.

A camada cortada pelas estruturas negativas pela sua compactidade, poderia admitir-se que corresponderia a um piso. Porém, pela sua pendente, somos tentados a considerar que se trata de uma camada de preparação, destinada a auxiliar a fixação dos postes e sobre a qual poderia existir uma camada nivelada de circulação. Ao contrário do que sucedeu em 2018, por baixo desta camada compacta recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica, ainda que numa quantidade pouco significativa (19), o que nos parece reforçar essa interpretação.

A ausência de estruturas positivas neste tipo de contexto, continua a deixar-nos bastantes interrogações, uma vez que não conseguimos encontrar uma explicação para isso. Em termos locais, os dados que resultam das escavações no Monte Calbo, parecem sugerir a ausência de estruturas positivas nas sondagens ali escavadas com os materiais a corresponderem a uma ocupação durante o Bronze pleno/Final. No entanto, devemos aqui ressaltar que nessas intervenções a ausência de identificação de estruturas foi total.

Já no castro de Ul, as estruturas escavadas na década de oitenta, nomeadamente, as que foram interpretadas como pertencendo a estruturas habitacionais, foram cronologicamente enquadradas na Idade do Ferro (Marques 1989), apesar da sua planta ortogonal. Para períodos de ocupação anterior, o mesmo autor sugere que as estruturas seriam construídas em materiais perecíveis.

Com base nestes elementos parece-nos razoável admitir que seria expectável a existência de estruturas positivas em Recarei, algo que ainda não é possível confirmar, nesta fase dos trabalhos.

A escavação dos quadrantes que não tinha sido possível concluir em 2018, veio trazer dados distintos.

Os materiais recolhidos enquadram-se essencialmente no Bronze Final, havendo a expectativa de que tenhamos algumas colagens de fragmentos que possibilitem a reconstituição quase integral de formas carenadas.

Nestes quadrantes não se identificou a camada muito compacta e rosada cortada pelos buracos de poste. Consequentemente, a presença de estruturas negativas foi bastante escassa.

Em contrapartida identificamos duas camadas com material orgânico, carvões e bolotas carbonizadas, que se espera venham a permitir a obtenção de datações e identificação de espécies, que possibilitem uma tentativa de reconstituição paleoambiental. As amostras de material orgânico, caso se confirme a

sua validade, possibilitarão a obtenção das primeiras datações absolutas de sítios do concelho.

Figura 9

Junto ao limite sudoeste da sondagem, uma camada de argila relativamente compacta e com uma superfície plana, situada a uma cota superior à camada cortada pelos buracos de poste, poderá corresponder a um piso. No entanto, no espaço não escavado destes quadrantes não se conservou mais nenhum elemento que pudéssemos considerar como estando relacionado com aquele.

Sendo o único elemento que poderia representar uma estrutura positiva preservada, optámos pela sua manutenção, pelo que se procedeu apenas à escavação do quadrante norte, para procurar esclarecer a hipótese da existência de uma outra estrutura negativa sob os buracos de poste.

Com a decapagem das camadas não escavadas em 2018, começou a perceber-se que o afloramento terminava de forma abrupta, quase vertical, numa situação diversa do que acontecia nos outros pontos da sondagem, onde mantinha sempre uma pendente com maior ou menor inclinação, mas relativamente regular.

Percebemos que estávamos perante uma estrutura de tipo fossa, escavada no afloramento rochoso, sem que no seu interior se recolhessem vestígios orgânicos que possibilitassem considerar que se tratava de um silo. O material orgânico carbonizado foi todo recolhido a uma cota superior ao topo desta estrutura, não se tendo recolhido qualquer vestígio no seu interior, o que parece reforçar a nossa interpretação. Não se tratando de um silo, poderia equacionar-se a hipótese de ter servido de lixeira, onde seriam depositados os restos de materiais e utensílios descartados. Porém, a quantidade muito reduzida de materiais recolhidos no seu topo e interior, não permite avançar com essa leitura.

A sua aparente continuidade, visível no corte Norte, contrasta com o seu limite perfeitamente definido a Sul, sensivelmente a meio entre os dois quadrantes da sondagem sugerindo que teria uma forma longitudinal com a secção em U. O seu limite oeste, quase vertical e escavado no afloramento, contrasta com o limite este, em que a base é, também ela, escavada no afloramento, quase na vertical, para, a meio, assumir um formato rampeado.

Figura 10

Na ausência de elementos materiais que possibili-

tem uma interpretação, temos de assumir que até à obtenção de novos elementos a sua funcionalidade é, ainda, desconhecida.

Os materiais recolhidos, conjugados com a estratigrafia do sítio, parecem permitir a identificação de dois momentos de ocupação coincidentes com a Idade do Bronze/Final e Idade do Ferro. Apesar dos materiais de época romana recolhidos em prospeção na vertente poente do cabeço, continuam, aparentemente, a não se identificar em escavação estruturas e materiais associáveis a uma ocupação desse período. Em síntese, ambos os sítios continuam a apresentar mais questões que respostas.

Em Ul, os dados de que dispomos remetem para uma ocupação tardia do povoado, mas ainda nos faltam elementos que permitam estabelecer uma sequência cronológica das diferentes fases de ocupação que a precederam. A articulação das estruturas de delimitação do povoado com outras relacionadas com a vivência diária ainda não é clara, da mesma forma que, por ausência de trabalhos, não conseguimos perceber se a abertura na muralha se articula com o espaço exterior do povoado ou antes com outra plataforma de ocupação. Mesmo o reforço da muralha apesar de identificado de forma clara, ainda nos suscita alguma incerteza quanto à sua extensão.

Em Recarei, parece ficar clara a existência de dois momentos de ocupação atestados pela quantidade de fragmentos de cerâmica recolhidos, que sugerem uma ocupação continuada do sítio, mas onde as estruturas construtivas parecem ter-se centrado na utilização de materiais perecíveis. O enquadramento cronológico dos materiais e a localização do sítio, na primeira linha de cumeada a partir do litoral deixam antever a possibilidade da sua fixação estar relacionada com o controlo da linha de costa e de eventuais contactos com as rotas de navegação mediterrânicas que chegavam ao atlântico.

Em suma, não conseguimos ter ainda dados que nos permitam colmatar todas as lacunas na caracterização destes povoados, mas a realização destas duas intervenções veio contribuir para aumentar a informação disponível.

O estudo mais detalhado dos materiais do Castro de Recarei, conjugado com as eventuais datações absolutas obtidas através da matéria orgânica recolhida, poderá permitir, a curto prazo, ter um faseamento da ocupação do sítio mais detalhado.

A continuação dos trabalhos, ao abrigo de um novo projeto de investigação que à data de elaboração do

texto ainda aguarda aprovação, permitirá dissipar as dúvidas que subsistem, e gerará novas interrogações que dinamizarão futuros trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1974) – Portugal Romano. Lisboa: Verbo.

ALMEIDA, Fernando (1956) – Marcos miliários da via romana “Aeminium-Cale. O Arqueólogo Português. 3, pp. 111-116.

ARÊDE, João Domingues (1945) – Um pouco de história local de que beneficiam S. Martinho da Gândara e S. Vicente Pereira. Arquivo do Distrito de Aveiro. 11:43, pp. 206-209.

CARQUEJA, Bento (Ed.) (1909) – Annaes do Município de Oliveira de Azeméis. Porto: Livraria Chardron.

DE MAN, Adriaan; TAVARES, João Tiago (2023) – Relatório Final INTERVENÇÃO NO CASTRO DE UL [POVOAZ_2] 2022. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis.

LEITE, José Resende da Silva (1958) – Subsídios monográficos da Freguesia de S. Martinho da Gandra. Concelho de Oliveira de Azeméis. Arquivo do Distrito de Aveiro. 24:95-96, pp. 161-191 e 277-310.

MANTAS, Vasco Gil; ALVAREZ MARTÍNEZ, José María (2012) – As vias Romanas da Lusitânia. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

MARQUES, José Augusto Maia (1989) – Escavações no Castro de Ul (oliveira de Azeméis) Primeira Notícia. Revista de Ciências Históricas da Universidade Portucalense. 4, pp. 65-89.

SILVA, António Manuel S. P. (1993) – Ocupação proto-histórica e romana no entre Douro e Vouga litoral: breve balanço de uma investigação em curso. – Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 429-439.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007) – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira (2ª).

SILVA, Fernando A. Pereira (1995) – Contributo para a carta arqueológica do concelho de Oliveira de Azeméis. Da pré-história à romanização. Ul-Vária. 2:1-2, pp. 9-52.

TAVARES, João Tiago; DE MAN, Adriaan (2020) – Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis. – Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão – Textos FLUP-CITCEM, pp. 1031-1040.

Enquadramento Regional

- ▲ Povoados Castrejos
- Capitais de Distrito
- Povoados POVOAZ (Castro de UI e Recarei)
- Oliveira de Azeméis
- Portugal

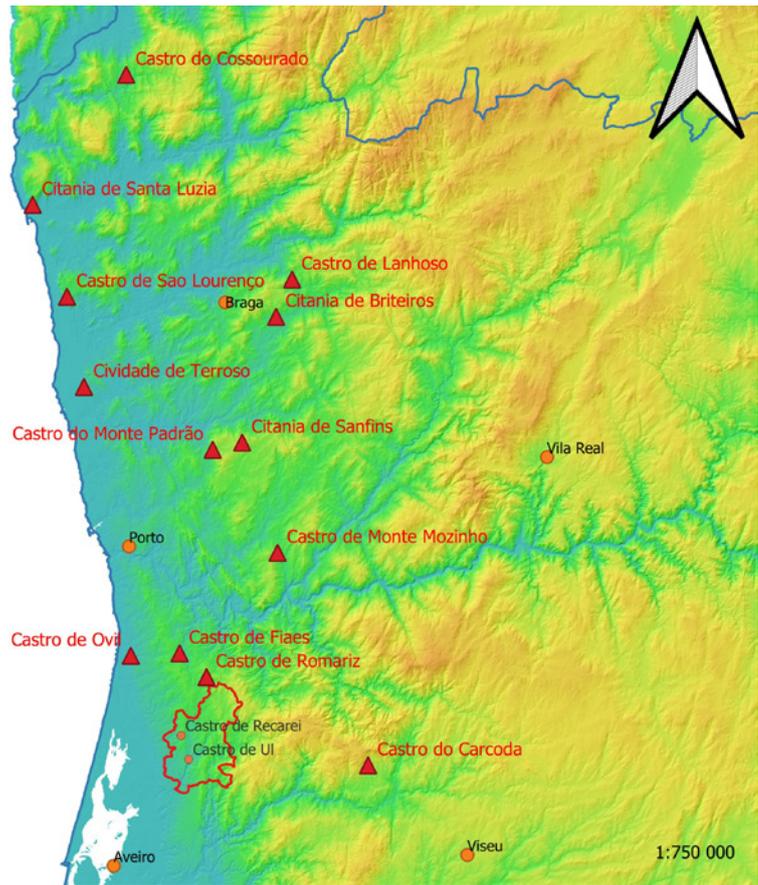


Figura 1 - Enquadramento regional do território correspondente a Oliveira de Azeméis face aos principais povoados castrejos do noroeste português.

Oliveira de Azeméis POVOAZ_2

- LIMITES_OAZ
- Cursos de Água
- Povoados
- Buffer 5km
- <= 50Metros
- 50 - 100Metros
- 100 - 150Metros
- 150 - 200Metros
- 200 - 250Metros
- 250 - 300Metros
- 300 - 350Metros
- 350 - 400Metros
- 400 - 450Metros
- 450 - 500Metros
- 500 - 550Metros
- > 550Metros

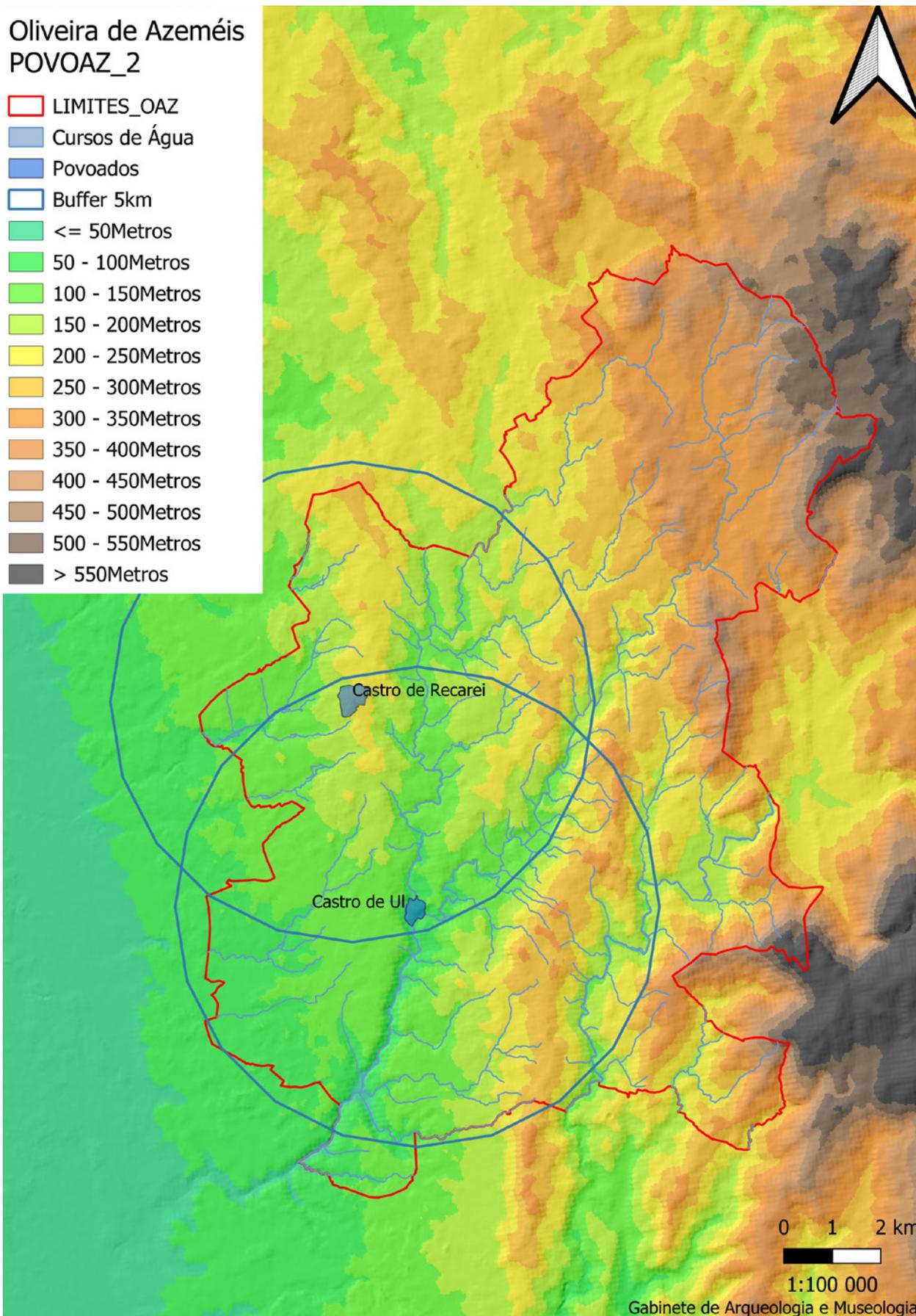


Figura 2 – Localização do Castro de Ul e Castro de Recarei no concelho de Oliveira de Azeméis.



POVOAZ_2	
CASTRO DE UL - 2018	
Sondagem -2	Quadrante B,C
U.E.: [003],[004],[005]	
Escala 1:20	
Desenho n°:	
Rodry Mendonça	



Figura 3 - Plano final da área escavada em 2018, sendo visíveis algumas das estruturas então identificadas.



Figura 5 – Topo das estruturas visíveis na sondagem C-3A a sul da porta na muralha, podendo ver-se um alinhamento que corresponderá à face interna da muralha, mas não sendo claro o limite que corresponderia à face interna do seu alargamento.

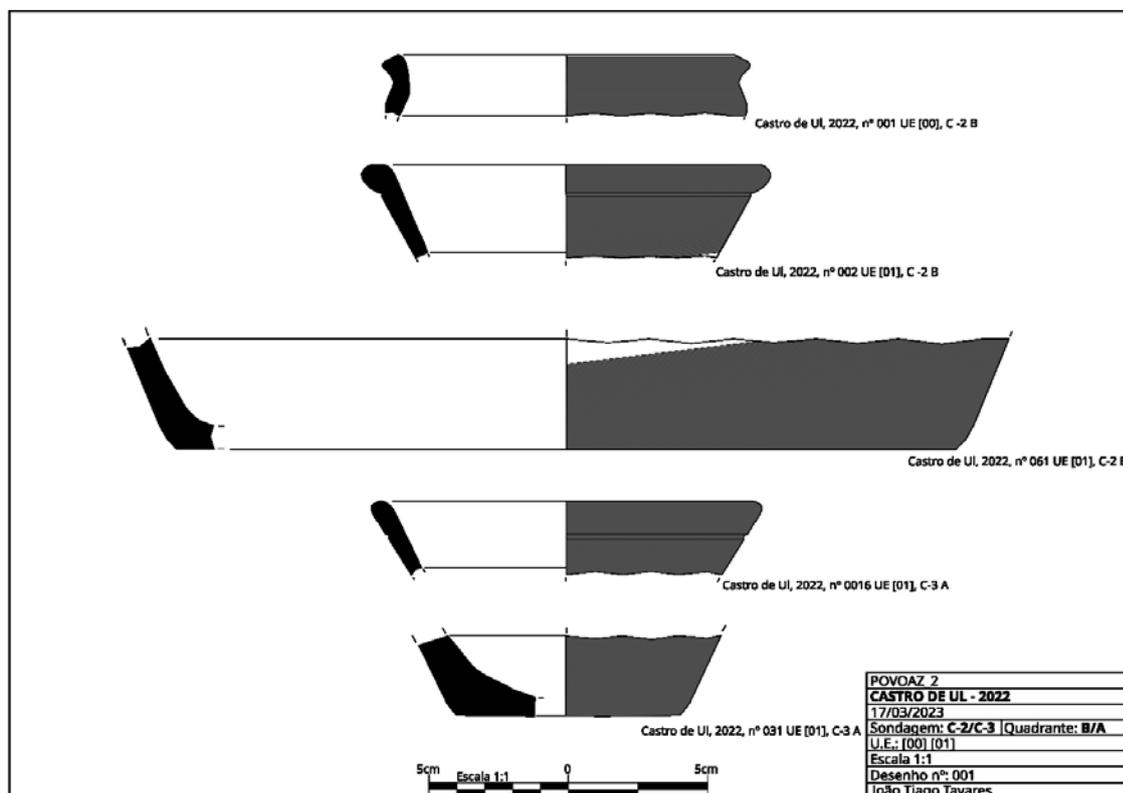


Figura 6 – Conjunto de fragmentos recolhidos sobre as estruturas que permitiam a reconstituição gráfica parcial das formas.



Figura 7 - Execução de registo gráfico de conjunto de buracos de poste identificados e escavados no alargamento da sondagem realizado em 2022. Apresentavam-se relativamente concentrados, junto ao limite da sondagem escavada em 2018.



Figura 8 - Conjunto de fragmentos decorados recolhidos no alargamento da área escavada, com decorações incisas e estampilhadas enquadráveis cronologicamente na Idade do Ferro.

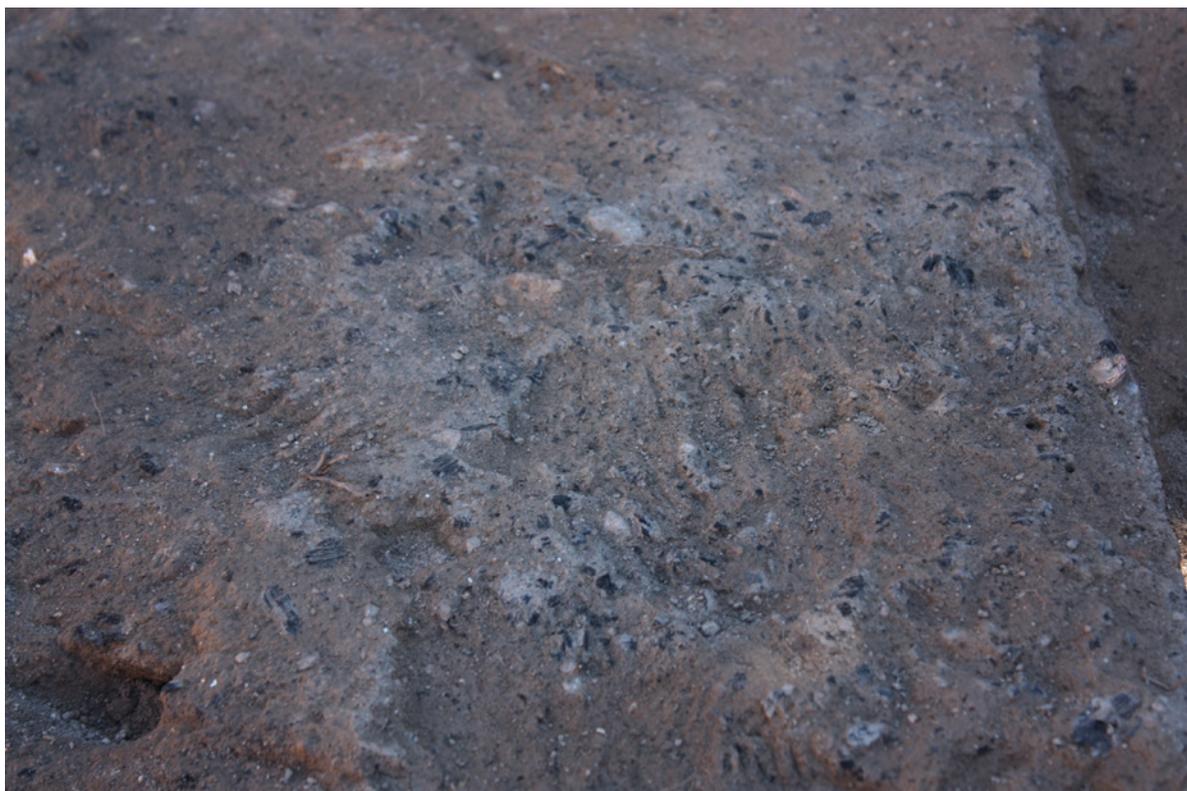


Figura 9 – Camada com concentração de carvões, da qual foi recolhida uma amostra para datação.



Figura 10 – A sondagem no final dos trabalhos, vista de sul para norte, podendo observar-se o afloramento rochoso que apresenta uma pendente similar à orientação da foto e a fossa nele escavada que parece prolongar-se para lá do corte norte. No subquadrante - C6 2 é visível o possível fragmento de piso que se optou por conservar *in situ*.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DEBESA + ESCOLA DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
CEIS30 | Universidade de Coimbra


Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**